

## VILANI

### A musicista de São José do Egito

“*Oi gente.*” Estas duas palavras que no contexto expressa a comunicação de uma pessoa para outra pessoa, foi deverasmente ouvida da boca de Vilani (Vila) no seu cotidiano em São José do Egito, nos anos de 1970 até mais ou menos no fim do século XX.

O sertão na sua plasticidade no campo da reverência tem uma gama de personagens fora dos padrões comportamentais, muitas vezes incompreendidas e vítimas do preconceito e da discriminação. Porém, algumas barreiras são quebradas no que está vinculado ao campo da estética artística quando as personagens se apropriam dela.

Nossa saudosa “*Vila*”, personagem ímpar do sertão do Pajeú nasceu no sítio Retiro, onde tinha residência e sempre estava pelas ruas de São José do Egito. Pelo que eu andei perguntando, pouco se sabe da família dela. Então, nestas breves linhas tentarei mostrar um pouco quem foi “*Vila*” no meio social e cultural, na cidade dos poetas.

De aparência esbelta, tipo esguia, de cor branca, com uma altura acima das mulheres da roça, cabelos curtos, o olho direito quase fechado, de tênis, calça comprida (geralmente de brim azul) e blusa ensacada, “*Vila*”, nos anos de 1970 até os anos da década de 1980 se destacava no meu social, pelo motivo de não ser comum mulheres da época usarem tais vestimentas, sendo comum o uso de vestidos ou saias. Então “*Vila*” foi uma mulher fora dos padrões comportamentais. Em conversas com alguns amigos, às vezes, indagávamos se “*Vila*” não seria uma homossexual que teve a sexualidade reprimida, não somente por alguém da família, mas também por si mesma. Basta lembrar a grande personagem Diadorim, do Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa. Imaginemos uma mulher do século passado (anos 80 para trás), sertaneja da caatinga, da rigorosa tradição religiosa do pecado da carne, ter a mente e o corpo povoados de desejos por uma pessoa do mesmo gênero... Os fantasmas do medo e da repressão roubam a consciência de si e o comportamento perde o equilíbrio entre a pulsão sexual e a convivência social... Passo a palavra ao grande mestre da psicanálise, Sigmund Freud.

Pois bem, “*Vila*”, pelo que se sabe, nunca teve um relacionamento amoroso com ninguém, e muito menos, não deixou algum descendente nascido do seu útero. E pelo que foi citado logo acima, se eu e alguns amigos não estamos errados, ela não viveu seu corpo no campo dos afetos e da realização do prazer carnal. Porém, o corpo se reinventa, se

manifesta e se expressa por meio de outras linguagens. E foi justamente o que aconteceu com nossa musicista “Vila.”

Possivelmente analfabeta ou desenhadora do nome para votar, na época do voto impresso, a sertaneja do sitio Retiro não tinha domínio a respeito do mundo das letras escritas, e muito menos da escrita musical, com toda a sua complexidade de notas, acordes, escalas, tons, semitons, harmonias, enfim, o universo da linguagem musical. Acredito que ela nunca viu uma partitura, e se viu, não sabia o que significava.

Contudo, nos subterrâneos da sua corporeidade, uma sonoridade rica de ritmos, de acordes, de melodias, de harmonias, de vários tons, como uma cacheira desenfreada escorria nos dedos de “Vila” quando ela pegava um violão e começava a tocar. Sem conhecimento no campo da teoria musical, porém, com uma sensibilidade à flor da pele, a percepção atenta e com ouvidos sonoros, “Vila” executava nas cordas do violão o que ela aprendeu sozinha ou olhando outras pessoas tocarem. A sua música preferida era “*Marcha dos Marinheiros*” do compositor Américo Jacomino (Canhoto). Ela adorava tocar essa música.

Como tinha uma existência tumultuada pelo que foi citado antes, era comum “Vila” misturar harmonias e melodias, como se a música fosse uma só, e nos mostrava uma outra configuração da composição original. Ela, ao som da execução do instrumento, se transformava, como ela transformava as músicas em relação ao que foi citado. Ouvir “Vila” nas nossas farras de poesia e música na outrora São José do Egito boêmia dos anos da minha juventude, era uma confraternização e celebração de que a vida é possível de onde menos se espera. A musicista “Vila” criou avatares com quem viveu a sua época pelos botecos e becos da cidade dos cantadores.

No final anos de 1980 quando o filho da cidade de Canhotinho (PE), o poeta, cantor, compositor e violonista Zeto foi morar em São José do Egito, pelo motivo de ter se casado com Bia Marinho, filha do poeta repentista Lourival Batista, “Vila”, que já frequentava a casa de Lourival Batista, sentiu-me mais à vontade em ser uma presença quase diária na casa de Zeto, pois o grande declamador, irreverente também, cortesmente, sempre entregava o violão dele para “Vila” tocar até quando não quisesse mais.

Certa vez quando hospedei o cantor compositor Maciel Melo na casa dos meus pais, ele disse: “Gilmar eu tenho uma prima distante aqui em São José do Egito que eu não conheço e soube que além de não ter o juízo certo ela toca violão”. Ele pediu para eu apresentá-la se um dia a gente a encontrasse. Um dia saindo de casa para ir à casa de Zeto, “Vila” vinha do outro lado da calçada, aí eu a chamei, “Vila,” vem aqui; Ela chegou e

disse logo, *Oi gente*. Na mesma hora eu disse, “*Vila*”, este amigo toca violão, canta e é muito famoso. Ela, com um olho direito totalmente fechado, olhou com o esquerdo de soslaio para Maciel Melo e disse: “Nem de nego eu gosto”! Nem esperou eu dizer que Maciel Melo tinha parentesco com ela, apressou a passada e saiu divagando pela rua, como se estivesse flutuando, e possivelmente, nas nuvens da sua imaginação e existência complexa.

Gilmar Leite Ferreira  
João Pessoa, 15/01/2024